

9.1.1985

A verdadeira imagem do banditismo armado

por Filipe Ribas (texto) e Américo Milício (fotos)

Em dois ataques simultâneos contra autocarros da empresa Oliveiras, um na localidade de Tanginga e outro em Maluana, proximidade da vila da Manhica, os bandidos armados assassinaram barbaramente 27 pessoas e feriram cerca de 30, algumas das quais gravemente. Em Tanginga, os bandidos incendiaram o autocarro, enquanto em Maluana trataram de despojar os passageiros sobreviventes do dinheiro e bens que possuíam.

Por diversas vezes tivemos a informação de que os bandidos armados recorriam a menores para desencadear certo tipo de ataques e que muito os utilizavam para missões de reconhecimento. Quando nos instalámos numa das posições das FAM, a 12 quilómetros da vila da Manhica, em plena floresta, apresentaram-nos um menor de cerca de nove anos, que fora capturado recentemente no assalto a um acampamento dos bandidos.

Segundo nos declarou o próprio menor, havia sido raptado juntamente com o seu pai, nas proximidades de Tanginga. Ainda segundo ele, muito cedo inspirou confiança ao chefe dos bandidos armados, que iniciou a sua preparação com vista a torná-lo seu futuro colaborador. Como que a confirmar a confiança no pequeno, começou a acumulá-lo com benesses, cinco pares de calças, cinco camisas e dois pares de botas de lona. Assim estava garantida a formação de um futuro bandido armado, indubitavelmente mais perigoso do que aqueles que são treinados já em idade adulta.

Ora, o primeiro bandido, que metralhou o autocarro das Oliveiras, na manhã de sábado, na localidade de Tanginga, foi um menor com cerca de oito anos. Na altura em que o autocarro lutava contra a subida e estava em vias de vencê-la, eis que surge da mata esse pequeno, trajando apenas uns calções e usando uma séria de fitas de munições a laia de camisa. De metralhadora em punho, começou a disparar contra o autocarro.

A velocidade bastante reduzida, própria das grandes subidas, foi factor que permitiu ao pequeno bandido inutilizar o sistema de travões e de embraiagem do autocarro. Com efeito, as mudanças deixaram de funcionar, ao mesmo tempo que se tornava impossível travar o autocarro. Foi assim que começou a deslizar, fora do controlo do motorista. Enquanto isso, os bandidos, que haviam estado embosca-

dos na mata, começaram todos a disparar contra o autocarro.

Colocados perante esta situação, de um autocarro descontrolado, e debaixo do fogo dos bandidos armados, os passageiros do autocarro puseram-se todos na busca da única salvação possível. Saltar do autocarro e fugir para o lado direito da estrada. Evidentemente que a confusão foi enorme, porquanto o autocarro se encontrava completamente cheio, com todos os espaços disponíveis preenchidos. Desde as cadeiras, corredor e até os poucos degraus das portas de entrada e de saída.

O que evitou que muitos passageiros fossem atingidos mesmo à porta do autocarro foi o facto de este estar em movimento e a própria porta aberta servir de escudo. Não fora isso, o fogo intenso, que os bandidos orientavam para as portas, teria feito mais vítimas. Aliás, o simples facto de o autocarro estar em movimento e abandonado a si próprio, muito contribuiu para aumentar as oportunidades de salvação a quantos conseguiram saltar.

Para dar uma ideia da confusão que se gerou no autocarro, bastará citar que muitas mães abandonaram as suas crianças no interior deste e fugiram assim tão sos. Casais que, no momento do perigo, pura e simplesmente, viram-se separados e não mais puderam reencontrar-se ao longo de toda a tarde daquele sábado.

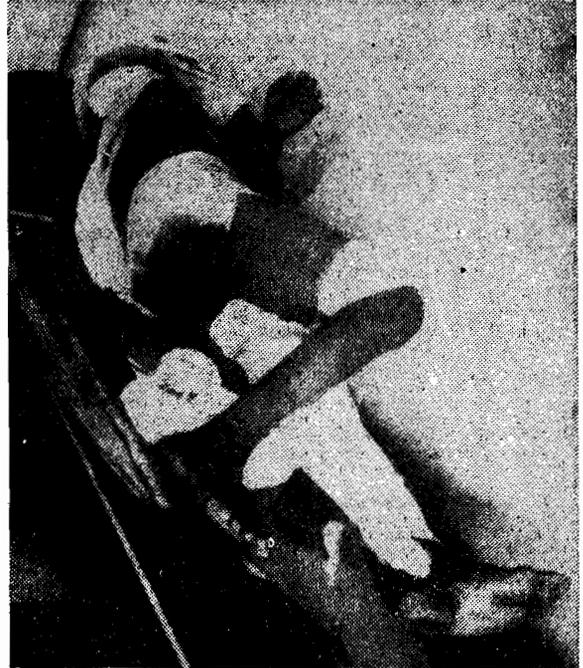
O autor destas linhas viu-se a braços com uma criança de menos de um ano, que chorava a plenos pulmões e que tinha, a seu lado, um biberão a meio. Foi entregue a alguns milicianos que se encontravam no local, quando as operações de salvamento se iniciaram. Oxalá tenha, neste momento, encontrado os seus.

A imagem dessa confusão, do desespero e de uma esperança forçada, como que a tentar consolar-se da desgraça quase confirmada, voltei a encontrar, algumas horas depois dos acontecimentos, na Palmeira. Quando

alguns dos sobreviventes me viram com um gravador e microfones nas mãos, vietam em magotes juntarem-se a mim. Para meu desespero, não vinham tanto porque desejassem ser entrevistados. Não. Todos eles, sem excepção, queriam perguntar-me onde

saja, e disse-me: «Estou a perder sangue. Dê ordem de avanço para o hospital». Nessa altura, a confusão ainda reinava no local.

Uma vez que os bandidos armados atearam fogo ao autocarro, dificilmente se pôde, na altura, determinar o número de pessoas que terão morrido carbonizadas. A penas confirmámos quatro mortos, que recolhemos no local e metemos numa viatura, juntamente com os feridos e que foram envia-



UM DOS FERIDOS, EM ESTADO GRAVE DO ATAQUE DOS BANDIDOS ARMADOS EM TANGINGA. JÁ NO HOSPITAL DA MANHICA, DEPOIS DE TER RECEBIDO TRATAMENTO.

estavam os maridos, filhos ou mulheres. Querram saber dos seus.

Não sei que instinto os teria levado a tal procedimento, o certo é que não cessavam de bombardear-me com perguntas sobre os filhos, maridos. Nenhuma das mulheres, que perguntou pela criança, era mãe da que tive nas mãos, nem daquela criança de quatro anos cujo Bilhete de Identidade esteve nas minhas mãos durante mais de meia hora.

Para o cúmulo do meu desespero, uma senhora perguntou-me por um homem que vi morto, pelo menos segundo a descrição da roupa que me fez. Adiar o conhecimento da verdade não é mentir. Limitei-me a afirmar que não vi nada do género. Com muita pena, confesso. Fiquei aliviado quando pude informar uma outra senhora de que o marido estava vivo e que apenas sofrera ferimentos nas duas pernas. Ainda me recordo da expressão corajosa desse jovem metralhado nas duas pernas, que me fixou com ar calmo de quem está sentado porque ca-

dos para o hospital de Xinavane, mais próximo do que o da Manhica. Quando falei com alguns dos sobreviventes deste caso, fiquei apenas com a confirmação de que o autocarro estivera superlotado, para mais informações exactas não deu.

Um dos sobreviventes disse-me, para citar entre tantos que falaram, que o número dos que se salvaram correspondia a 50 por cento do total dos passageiros. Um outro sobrevivente, que se encontrava ao meu lado, quando falava com o primeiro, fez questão de afirmar que se salvaram 80 por cento dos passageiros do autocarro.

«Acha que morreram muitas pessoas?» — foi com esta pergunta que fechei o encontro com os sobreviventes. Em uníssono disseram: «Sim, morreram muitas pessoas». Trata-se, obviamente, das pessoas que ainda não tinham saído quando o autocarro começou a arder e, simultaneamente, exolodiu uma mina colocada por um bandido, significava a uma tzoocka que consumiu o crime.



O AUTOCARRO DAS «OLIVEIRAS», ATACADO EM TANGINGA, FICOU REDUZIDO A UM MONTÃO DE FERROS CALÇADOS, MAIS UM CRIME DOS BANDIDOS ARMADOS